

Apresentação

Os textos que compõem este número temático do Cadernos de Estudos Africanos provêm de comunicações apresentadas no Colóquio Internacional “Espírito de Missão”, sobre Trauma e Medicina Humanitária, que teve lugar nos dias 1 e 2 de Junho de 2006 no Instituto Superior de Ciência de Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Lisboa, co-organizado pelo Centro de Estudos Africanos – ISCTE (CEA-ISCTE) e pelo Mestrado Interdisciplinar em Risco, Trauma e Sociedade (MRTS-ISCTE) coordenado pelos Departamentos de Antropologia e de Sociologia do mesmo Instituto.

Devido a dificuldades técnicas na captação de som, tornou-se impossível transcrever na íntegra as comunicações de todos os participantes deste Colóquio; assim, entendeu-se dividir o número em duas partes: uma primeira, com um teor mais académico, com artigos enviados por participantes cujas comunicações não foi possível transcrever; por outro, as transcrições efectuadas a partir de algumas comunicações orais.

A presente publicação insere-se assim no programa de acções de divulgação do projecto de Saúde da linha de investigação em Desenvolvimento e Cooperação Internacional, do CEA-ISCTE, e no contexto da promoção de um debate interdisciplinar e multi-regional, objectivo epistemológico comum ao CEA-ISCTE e ao MRTS-ISCTE.

Este objectivo dos organizadores espelhou-se de forma muito positiva do debate intenso que teve lugar nesses dois dias, entre especialistas das áreas das ciências sociais, da medicina e saúde pública, e da emergência humanitária. A discussão do conjunto bastante inclusivo de comunicações dedicadas à necessidade de pensar o socorro e o auxílio humanitário de um ponto de vista multidisciplinar, evidenciou bem as vantagens da partilha e discussão de conhecimentos sobre as realidades complexas da emergência humanitária, de molde a expandir o leque de respostas possíveis, e a melhorar a sua eficácia.

É esta, em grande medida, a grande ilação a retirar dos trabalhos deste Colóquio, do qual se filtrou o conjunto de comunicações aqui inseridas: o fenómeno da emergência – seja ela em episódio de catástrofe ou não – exige um alargamento da forma como olhamos e lidamos com as situações, exige um ponto de vista multidisciplinar, simultaneamente heterogéneo e agregador. Constatase, nomeadamente, ser necessário e urgente melhorar a situação actual da ajuda humanitária portuguesa, incorporada ou não em missões internacionais, já que se tem revelado insuficiente o envio para situações de emergência pós-catástrofe de equipas técnicas homogéneas e pouco preparadas para lidar com realidades e culturas diversas. Constatase também a relativa pobreza do diálogo

interdisciplinar e a fraca comunicação entre decisores, equipas de terreno e investigadores. Razões de sobra, portanto, para que seja suscitada uma reflexão séria sobre o passado, o presente e o futuro da ajuda humanitária em Portugal.

Com efeito, como podem médicos, psicólogos e socorristas lidar com pacientes cingaleses, indonésios ou moçambicanos – e referimo-nos directamente a algumas experiências relatadas durante o Colóquio, e aqui transcritas, por Juan Carlos Rumero, pelo presidente do INEM, Luís Cunha Ribeiro, pela equipa coordenada por João Luís Baptista, e por João Blasques de Oliveira, dos Médicos do Mundo – se não conhecem, minimamente, os seus hábitos de vida e os seus conceitos de higiene, as suas rotinas e os seus sistemas de representações culturais? É determinante, para uma maior eficácia das missões humanitárias que, por exemplo, uma equipa de profissionais de emergência médica e de protecção civil, integre também especialistas de antropologia, que lhes ofereçam auxílio na tarefa de aplicar de forma efectiva os seus conhecimentos específicos num contexto cultural heterogéneo. A comunicação de Mark Brayne aborda o problema da necessidade de preparação disciplinar a partir de outra perspectiva, a do jornalista que faz a cobertura de acontecimentos traumáticos: como pode um jornalista cobrir eventos para os quais não se encontra preparado, como, por exemplo, entrevistar alguém que acaba de sofrer uma perda importante, que se encontra emocionalmente abalado, ou para entrevistar alguém de uma cultura que desconhece de todo? Estes eventos traumáticos constituem, como relembram Carmen Ortiz Garcia e Bernard Rimé, rituais colectivos, ocasiões para a sociedade se reencontrar e redefinir como um todo, para solidificar os laços sociais entre as diversas partes que constituem esse todo.

Um outro aspecto muito importante que este Colóquio permitiu identificar, e que se encontra umbilicalmente ligado às virtualidades de uma abordagem multidisciplinar, é da verificação e avaliação global dos resultados das missões, com a necessidade de avaliar de forma idónea e independente aquilo que é realizado no terreno. Este é um aspecto insistentemente referido nos contributos dos especialistas de saúde pública e epidemiologia, nos quais podemos encontrar uma sistematização do modo de proceder face a situações de emergência e de desenvolvimento, com indicação programática de quais os cuidados e ponderações a ter em consideração. Sendo óbvia a distinção entre a ajuda a prestar em situações de emergência e de apoio ao desenvolvimento, é importante referir que, qual relação dialéctica, uma e outra se influenciam mutuamente, pelo que se torna crucial desenvolver sistemas de resposta à emergência antes que ela aconteça, ou seja, não pensar no assunto apenas quando a catástrofe é iminente. Esta evidência, que começa hoje a ser vocalizada por inúmeros especialistas e responsáveis de organismos internacionais e de organizações não-governamentais, implica, como

refere João Luís Baptista na sua comunicação, que sendo, em muitas situações, essencial prevenir em vez de remediar, não deixa de ser menos importante que os programas de apoio não sejam suspensos antes do seu término. São recorrentes os casos em que as organizações, grupos de voluntários e equipas de socorro, que são deslocados para situações de crise ou catástrofe, terminam precocemente as suas missões findo o período de emergência, em vez de se disponibilizarem para permanecer no terreno nas fases posteriores, e de planear projectos de recuperação e de desenvolvimento, procurando investir na sua concretização.

Várias comunicações apresentadas no Colóquio foram caracterizadas por uma qualidade, muito enriquecedora no diálogo oral, mas difícil de transpor para o contexto da escrita: forneceram aos participantes exemplos concretos e vívidos de um saber adquirido a partir da perspectiva e experiência empírica de quem está no terreno, relatos na primeira pessoa de quem conhece as dificuldades, os desafios e as necessidades mais urgentes, não só em países do chamado “terceiro mundo” afectados por catástrofes humanitárias, mas também por quem lida de perto e de forma sistemática com ocorrências traumáticas no contexto português.

Das discussões ocorridas durante o Colóquio importa ainda destacar leitura crítica feita à própria definição de “medicina humanitária” por vários participantes: toda a medicina é, por natureza, humanitária, toda a medicina deve estar imbuída de um espírito de altruísmo, abnegação, desinteresse – numa palavra, de missão. Fazer o bem sem esperar nada em troca: esse foi, em síntese, o mote de várias comunicações, que deixaram clara a necessidade, por parte da classe médica, de não delapidar esses valores que lhe dão relevância social.

Em suma, as comunicações apresentadas neste Colóquio, sejam os artigos de fundo, sejam as transcrições de algumas das apresentações¹, sejam os contributos que acabaram por não poder ser integradas neste volume, evidenciam como é fundamental assumir, no contexto da ajuda humanitária, uma postura não sectária ou corporativa, aberta ao diálogo disciplinar e disponível para reavaliar constantemente conhecimentos e práticas. A preocupação transversal a diversas áreas, até mesmo às próprias sociedades, que é a necessidade de (re)pensar a nossa essência como seres humanos culturalmente diversos, reflecte-se com matizes próprios no acto de ajuda humanitária em situação de catástrofe: o espírito de missão, a disposição altruísta referida por João Lobo Antunes, é uma forma especialmente digna de dialogarmos com o nosso semelhante, de reafirmar o valor e a riqueza da vida humana. As comunicações aqui reunidas

¹ Na verdade, na segunda parte da revista são apresentadas, não transcrições, mas sim adaptações do material transcrito das comunicações dos oradores, executadas pelos organizadores (os eventuais erros de interpretação são, por isso, da sua exclusiva responsabilidade). Quanto aos artigos de Bernard Rimé, de Juan Carlos Rumbero e de Marc Brayne, há a referir que uma primeira versão das suas comunicações foi publicada no livro que, de alguma forma, complementa este número dos Cadernos Africanos: *Ciências de emergência: Exercícios interdisciplinares em ciências sociais e humanas* (org. António Pedro Dores). Montevideu, Libros en Red, 2009)

visam sinalizar caminhos e soluções para que essa existência veja o seu sofrimento minorado, para criar profissionalismo no auxílio humanitário de emergência e para valorizar a necessidade de criar projectos de desenvolvimento sustentáveis.

Por tudo isto, tendo em conta as palavras do antropólogo Claude Lévi-Strauss, que proclama, no seu clássico ensaio *Tristes Tropiques*, que a diversidade é a pedra de toque do progresso humano, podemos, em vista da multiplicidade de campos do saber que compuseram as perspectivas congregadas nos trabalhos deste Colóquio, ter alguma esperança em melhorar e afinar os nossos sistemas de resposta às mais prementes e graves carências da Humanidade.

Manuel João Ramos & Rodolfo Soares